

PERCURSO CARTOGRÁFICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILÓ: uma análise da atuação transversal do design

**CARTOGRAPHIC ROUTE IN GRILÓ QUILOMBOLA COMMUNITY:
*an analysis of the transversal action of design***

Dra. Julia Teles da Silva

✉ ORCID

UFCG

julitateles@gmail.com

Me. Alice Campos Silva

✉ ORCID

UFCG

cmpsalice@gmail.com

Dra. Nathalie Barros da Mota Silveira

✉ ORCID

UFCG

nathalie.motasilveira@gmail.com

PROJÉTICA

DESIGN: EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

TELES DA SILVA, J.; CAMPOS SILVA, A.; BARROS DA MOTA SILVEIRA, N. PERCURSO CARTOGRÁFICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILÓ: uma análise da atuação transversal do design . **Projética**, Londrina, v. 16, n. 1, [s.d.]. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/50917>.

DOI: 10.5433/2236-2207.2024.v16.n1.50917

Submissão: 28-06-2024

Aceite: 10-12-2024

Resumo: O presente trabalho é uma investigação acerca da atuação de uma designer e pesquisadora em uma comunidade tradicional, analisando a possibilidade da atuação transversal de uma designer branca em comunidade quilombola. O trabalho é caracterizado como uma pesquisa intervenção, com abordagem qualitativa, na qual tem-se o objetivo de mapear saberes e fazeres da Comunidade Quilombola Grilo por meio de ferramentas transversais do design, tendo em vista seu caráter multidisciplinar. Para isso, será utilizada a cartografia como percurso projetual e se trabalhará com a perspectiva do designer como mediador como filosofia de projeto, visando ainda ter uma abordagem decolonial e antirracista. Quanto às etapas de pesquisa, há uma etapa etnográfica, com observação participativa e entrevistas semiestruturadas. Também será utilizado o design participativo aliado ao design sistemático para acionar diálogos e corresponder com os coautores e, por fim, é feita uma análise da pesquisa por meio da triangulação de informações.

Palavras-chave: cartografia; transversalidade; Design multidisciplinar.

Abstract: The present work is an investigation into the role of a designer and researcher in a traditional community, analyzing the possibility of a transversal role of a white designer in a quilombola community. The work is characterized as intervention research, with a qualitative approach, in which the objective is to map knowledge and practices of the Quilombola Grilo Community through transversal design tools, taking into account its multidisciplinary character. To achieve this, cartography will be used as a design path and we will work with the perspective of the designer as a mediator as a design philosophy, also aiming to have a decolonial and anti-racist approach. As for the research stages, there is an ethnographic stage, with participatory observation and semi-structured interviews. Participatory design combined with systemic design will also be used to trigger dialogues and correspond with co-authors and, finally, an analysis of the research is carried out through the triangulation of information.

Keywords: cartography, transversality, multidisciplinary Design.

TELES DA SILVA, J.; CAMPOS SILVA, A.; BARROS DA MOTA SILVEIRA, N.

INTRODUÇÃO

A pesquisa surgiu com inquietações e reflexões que começaram com minhas experiências acadêmicas prévias em comunidades quilombolas, que ampliaram minha visão sobre a atuação do design, e trouxeram a percepção da importância da disseminação e registro da história, cultura e saber-fazer das comunidades tradicionais. Vi a oportunidade de desenvolver esse tipo de atuação a partir do contato com a Comunidade Quilombola do Grilo, localizada no município Riachão de Bacamarte, na Paraíba, no segundo semestre de 2020.

A atuação foi impulsionada pelos diálogos e questionamentos acionados durante este contato, tendo como estopim os relatos dos moradores que abordavam principalmente a necessidade de registro da história, saberes e fazeres da comunidade, o afastamento dos jovens do Quilombo do Grilo e o medo do apagamento e/ou esquecimento da história local.

A experiência prévia em pesquisas em comunidades tradicionais proporcionou o entendimento da complexidade do estar em campo, percebendo as particularidades do local e atores sociais envolvidos, assim como a importância da pesquisa com e para os atores sociais. As comunidades tradicionais, em específico as quilombolas, sofrem a invisibilidade de sua existência, assim como o apagamento de suas características particulares. Por isso, a presente pesquisa, realizada com a Comunidade Quilombola do Grilo, prevê o aprofundamento em seus contextos e fluxos envolvidos para, a partir de reflexões e embasamentos em metodologias multidisciplinares do design, traçar o percurso deste estudo. Essa pesquisa resultou em minha dissertação de mestrado, da qual esse artigo é um recorte.

Comunidades remanescentes de quilombo, como o nome diz, têm como característica o ato de remanescer, restar, sobreviver. Os quilombos têm origem no período escravocrata, sendo locais de esconderijo dos escravos fugidos. A remanescência se deve à resistência e permanência daqueles escravos nos

quilombos, que no final do século XX, obtiveram a sua permanência oficializada e protegida por lei, com os processos de reconhecimento e titularização das terras realizados pelo INCRA e Fundação Palmares.

O processo é realizado a partir da percepção e reconhecimento da comunidade enquanto remanescente de quilombo, que a partir da autodefinição deve solicitar ao INCRA a delimitação das terras. A titulação requer o reconhecimento prévio dos moradores do local como quilombolas, sendo parte de grupos étnicos raciais e que possuem autonomia para sua manutenção no território em que estão inseridos, conforme a definição da Resolução nº 8 e também encontrada no Artigo 68, que institui os direitos aos povos remanescentes de quilombos (Brasil, 2012).

À luz desta reflexão, enfatiza-se que comunidades quilombolas são formadas majoritariamente por pessoas que, antes de ser quilombolas, são negras, as quais naturalmente sofrem do apagamento e negação de direitos por meio do racismo (Ribeiro, 2019). Segundo Ribeiro (2019, p. 5), “no Brasil, há a ideia de que a escravidão foi mais branda do que em outros lugares”, e essa ideia reflete-se na idealização de que aqui não existe racismo e que é possível não considerar a raça para evitar discriminações e ser racista. A autora ainda complementa que ao contrário do que acredita-se, os dados de que “a expectativa de vida dos homens escravizados no campo (no Brasil) era 25 anos, bem abaixo da média dos Estados Unidos para o mesmo grupo” revelam que aqui era tão intenso quanto, ou pior.

Desta forma, estar e atuar com comunidades quilombolas tem caráter complexo, sendo uma pesquisa que envolve potenciais históricos, políticos e sociais, no que tange o ser quilombola e a estruturação da comunidade. Segundo Bell Hooks,

Muitas pessoas negras são convencidas de que nossas vidas não são complexas e, portanto, não são dignas de reflexões e análises críticas sofisticadas. Mesmo aqueles que estão, com razão, empenhados na luta pela liberação dos negros, que sentem ter descolonizado suas mentes, com frequência acham difícil ‘falar’ da nossa experiência (Hooks, 2019, p. 339).

Por isso, é de suma importância falar das experiências das comunidades quilombolas, trazendo ao plano da pesquisa a percepção de sua complexidade, fazendo-se necessário o entendimento do contexto e das questões políticas e sociais que envolvem os quilombolas, enquanto pessoas negras, e principalmente, quando se trata da designer, enquanto mulher branca.

Deve-se lembrar também que cada ser humano negro é único, a raça não os unifica; portanto deve-se compreendê-los em suas diferenças pois, mesmo dentro de um quilombo, sendo todos negros e majoritariamente parentes de diferentes graus, não são iguais. A atuação em campo deve ser feita pensando nas individualidades do Quilombo do Grilo e trazendo os participantes para o lugar de autores da pesquisa.

O design, devido ao seu caráter holístico, dinâmico e transdisciplinar (Moraes, 2006), tem diversas formas de atuação e colaboração em meios complexos. Segundo Manzini (2017), a prática do design hoje tem um significado bastante diferente do que tinha no período de seu surgimento, sendo mais humanitária e consciente do ponto de vista socioambiental. Partindo deste parâmetro, autores como Noronha (2012, 2017) e Manzini (2017) abordam as novas formas de atuação, tirando o designer do centro projetual e levando-o ao diálogo, buscando ouvir os atores sociais e trazê-los ao percurso projetual, atuando como mediador de processos.

O designer como mediador e/ou facilitador no projeto leva em conta a complexidade do cenário, observando seus aspectos culturais e ambientais. Neste contexto, dá-se ênfase à valorização de histórias e culturas locais, que se tornam de grande relevância quando se reflete sobre as atuais formas que validam poder, ser e saber, que ainda não contemplam todas as classes sociais, formas de saber e, no geral, todas as pessoas (Bernardino-Costa, 2018).

Escobar (2016, p. 56) aponta que,

"As formas vernáculas de design também podem ser particularmente relevantes quando se participa de projetos de design que visam fortalecer a autonomia e resiliência da comunidade".

Dentre as possibilidades de atuação do designer em comunidades, Krucken (2009) ressalta a valorização por meio da divulgação da história inerente ao território. Trazer à tona a história, cultura e saberes dessas comunidades, principalmente por meios que sejam de fácil disseminação e apreensão das informações, é uma forma de valorizar e prover o reconhecimento das mesmas.

Para atuação como mediadora visando a valorização histórico-cultural, percebe-se a utilização da cartografia como percurso metodológico, que prevê a transversalidade no meio projetual para a construção de um plano comum (Kastrup; Passos, 2013) em que as ideias, desejos e prerrogativas sobre determinado tema são construídos mutuamente.

A cartografia como percurso metodológico, por ser subjetiva e construída com base nos discursos, trocas, vivências em campo, permite a inclusão efetiva dos atores sociais na pesquisa. Também possibilita uma pesquisa moldada aos anseios e necessidades desses atores, o que é imprescindível na atuação em comunidades tradicionais para a percepção e valorização do conhecimento destes povos. O diálogo com a comunidade acontece, principalmente, em atividades participativas e que proporcionem a correspondência (Ingold, 2016) entre os coautores e a designer por meio de um plano comum.

Para contribuir para a construção do plano, aborda-se reflexões trazidas por Passos, Kastrup e Passos (2015, 2016) que refletem sobre pistas para um percurso cartográfico, Ingold (2016), Guzmán (2020) e Anastassakis e Szaniecki (2016), que pontuam a correspondência e os dispositivos de conversação como forma de acionar diálogos e a troca em campo, Pink (2013) que apresenta as imagens como ferramenta no meio projetual e Bistagnino (2009, 2011) e Pêgo e Oliveira (2014), que refletem sobre o design sistêmico e a possibilidade de percepção genuína dos fluxos envolvidos em um sistema.

Portanto, a pesquisa realizada com o Quilombo do Grilo levou em conta o caráter complexo da atuação no contexto do campo, considerando os coautores e a perspectiva da atuação da designer, que visa a construção de um plano comum. Para isso, reflete-se: É possível uma designer branca construir um percurso transversal

em uma comunidade quilombola? Qual é o papel da designer? Como construir um plano comum? Estas foram questões cultivadas enquanto traçava-se o percurso da pesquisa. É importante ressaltar gênero e raça devido às particularidades intrínsecas da experiência de cada pessoa; as vivências da pesquisadora não seriam as mesmas de um homem, ou até mesmo de uma mulher, também cis, negra. Por isso serão ressaltadas as questões e experiências partindo deste viés.

À luz destes questionamentos e reflexões, justifica-se o uso da pesquisa escrita em primeira pessoa quando se trata da tradução da experiência no percurso, referindo-se às minhas percepções e vivências quando na primeira pessoa do singular e às visões de mundo dos coautores e minhas quando na primeira pessoa do plural. Evidencia-se também o uso da referência ao gênero durante a escrita da pesquisa, sendo parte da perspectiva decolonial adotada na pesquisa. Apesar do texto ter três autoras, apenas uma foi a campo, justificando-se assim o uso do singular.

CONSTRUINDO PISTAS

O objetivo desta pesquisa é mapear saberes e fazeres da Comunidade Quilombola Grilo por meio de ferramentas transversais do design e seu caráter multidisciplinar. Para isso, viu-se como abordar pesquisas de design em territórios quilombolas e reflexões sobre raça, gênero e classe; compreender as vivências, experiências, percursos e lutas que fazem parte do percurso da Comunidade Quilombola Grilo; estruturar ferramenta que acione a conversação e troca entre os coautores (pesquisadora e atores sociais) em campo e, por fim, analisar o percurso da designer em comunidade quilombola, visando o entendimento sobre a efetividade da atuação transversal.

Como já mencionado, a pesquisa consiste em um percurso cartográfico. A cartografia como percurso metodológico prevê a construção da metodologia da pesquisa em campo e considera a previsão metodológica como pistas a serem seguidas no caminho da pesquisa para a construção do plano comum (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), que

podem ser ajustadas pelos coautores durante a construção da pesquisa, "sim, pistas, se entendermos que não é possível, nem aconselhável, a definição de regras rígidas a serem seguidas nos processos investigativos" (Barros; Silva, 2016, p. 132).

O percurso, tomando como base as abordagens transversais explicitadas na revisão bibliográfica, é uma construção mútua, entre a designer e os coautores, buscando experimentar ferramentas que possibilitem o mapeamento dos saberes e fazeres da comunidade.

Segundo Pozzana (2016, p. 59), "O pesquisador articulado vai a campo e move-se com ele para aprender; há um cultivo mútuo entre ele e aquilo que se faz presente no campo", assim ressalta-se o interesse no decorrer desta pesquisa de construí-la e moldá-la em campo, buscando a interação genuína dos coautores e identificação dos mesmos com o percurso.

Desta forma, apresenta-se as pistas construídas para esta pesquisa:

A primeira pista caracteriza-se pela revisão bibliográfica, em que se buscou levantar o estado da arte das atuais abordagens de design e sua interdisciplinaridade nas atuações em territórios. Revisou-se pesquisas que foram e/ou estão sendo realizadas ampliando também a áreas afins que contribuem para uma atuação colaborativa, horizontal e humanizada do design.

A segunda pista traz uma revisão bibliográfica especificamente sobre o quilombo Grilo, em que se busca entender o contexto do local e possíveis formas de realizar o contato e imersão em campo durante a pesquisa. As pesquisas foram realizadas em livros, artigos, monografias, dissertações, teses, vídeos e entrevistas que abordam o Quilombo do Grilo como temática principal, assim como o acervo pessoal da autora, incluindo imagens, vídeos, diários de campo e textos.

A terceira pista consiste na imersão em campo, onde é traçado um plano comum, que “é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo” (Kastrup; Passos, 2016, p. 16). Através do plano comum é possível atravessar as barreiras entre sujeito e objeto e atingir a transversalidade na pesquisa, em que todos se tornam coautores.

Para isso, é primordial imergir no caráter fluido da pesquisa, que se molda no percurso e busca investigar a experiência a partir da própria experiência (Passos; Kastrup, 2016), na qual são previstas constantes análises e adaptações nas pistas metodológicas.

À luz dessas reflexões, a pesquisa em campo será caracterizada por uma observação assistemática e participante, objetivando a criação de sistemas que gerem diálogos em campo e que possibilitem a percepção genuína do percurso. São utilizadas conversas guiadas, participação e observação do cotidiano ordinário dos atores sociais, além de captação de imagens. Nesta etapa as trocas de conhecimento ocorrem de forma livre e espontânea, mas guiada indiretamente, por meio de conversas conduzidas pela designer. De acordo com Manzini,

Os instigadores de conversação são artefatos de comunicação destinados a facilitar a conversação social nas diferentes fases do processo de codesign. Por exemplo, eles podem ser destinados a ilustrar o estado das coisas (alternativas viáveis e não-viáveis) de uma forma mais acessível, ou para consolidar a saída e oferecer a possibilidade de replicá-la (Manzini, 2017, p. 133, tradução nossa).

Segundo esta afirmação, o papel do designer como mediador nesta etapa etnográfica serve, também, para guiar e auxiliar as conversações, buscando manter ativo o diálogo e o fluxo da pesquisa. Nestas etapas serão feitos registros textuais, fotográficos e gravações de áudios e vídeos que apresentem o que foi visto e vivido em campo. O uso de imagens, como fotografia e vídeo, “trazem, ao processo de construção de conhecimento, uma possibilidade de se construir outras formas de saberes, para além da observação direta e das entrevistas” (Noronha; Campos; Câmara, 2018, p. 3).

Nesta etapa era prevista uma entrevista semiestruturada, no entanto, durante o percurso, foram delineados outros caminhos a serem seguidos na conversa, pois percebeu-se que os coautores ficavam mais abertos quando podiam ter o controle dos assuntos comentados,

O entrevistador não se colocava numa posição hierárquica de quem dirige, mas seguia linhas de conversa que eram traçadas conjuntamente com o entrevistado. O manejo não direutivo na entrevista era voltado para que ambos, entrevistador e entrevistado, confiassem na experiência, de forma que a própria entrevista fosse guiada (articulada) por um plano comum (Sade; Ferraz; Rocha, 2016, p. 83-84).

Desta forma, o papel da designer subverteu-se em guiar os diálogos tecidos em campo e tornar a entrevista um momento horizontal, em que os coautores se sentissem confiantes.

A quarta pista ocorreu em entrelace com a terceira: ainda como parte do percurso em campo, buscou-se, em uma atividade em grupo, experimentar ferramentas que acionassem o diálogo entre os coautores sobre o percurso.

Para isso, foi proposta a construção de um mapa visual, que foi utilizado para a análise e percepção conjunta dos sistemas e fluxos do território. Segundo França, Além e Pêgo (2019, p. 101), esta ferramenta “favorece o entendimento da complexa teia de relações e conexões entre as partes envolvidas”; as autoras ainda afirmam que a utilização da ferramenta possibilita uma visão holística dos processos, relações, atividades e dos atores que compõem o sistema abordado. Considerase então que a realização do mapa de forma conjunta possibilita a percepção dos coautores perante o percurso, identificação com a pesquisa e ainda um estreitamento das relações entre os coautores e a designer.

A ferramenta conta com imagens construídas no percurso e entrevista semiestruturada como formas de guiar e acionar os diálogos durante a experiência. As imagens são de grande importância neste momento, como abordado por Cunha (2016),

Como um artefato cultural, imagens comunicam, representam, expressam memórias, fornecem um modo especial de relação com o mundo, em que seus aspectos icônicos, enquanto contornos que nos remetem a uma reflexão sobre seu referente, encobrem sua natureza também linguística, que tem uma retórica própria, formas que se articulam de maneira anacrônica, produzindo novos sentidos. São também modos de pensamento e do gesto, são produtos de relações, entre homens, entre imagens e entre ambos (Cunha, 2016, p. 248).

Nesses papéis, as imagens fazem parte das formas em que constituímos o pensamento etnográfico, podendo ser usadas para criar representações de conhecimento, oferecendo forma de continuidade entre trabalho e campo (Pink, 2013). Em virtude desta afirmação, as imagens são selecionadas de acordo com a percepção de importância no decorrer da pesquisa, buscando o reconhecimento dos participantes perante as imagens abordadas e acionando as memórias relativas ao percurso.

Destacam-se ainda duas diretrizes primordiais do percurso cartográfico, a concepção de uma ação criadora de mundos e sujeitos e de uma atividade humana (Barros; Silva, 2016). As diretrizes reiteram a importância da experiência e experimentação durante o percurso, considerando a “constante reformulação e análise das aproximações a um determinado campo problemático” (Barros; Silva, 2016, p. 129). Portanto reforço a moldagem, principalmente, das pistas três e quatro durante a imersão no campo e experiências com os coautores, adaptando-se ao mundo da pesquisa e buscando atingir o plano comum.

A quinta pista, consiste na tradução do percurso em mapas,

As cartografias surgem como forma de construir e sistematizar a informação obtida em campo, a partir da multiplicidade dos pontos de vistas – dos produtores, dos pesquisadores, dos mediadores, das cadeias produtivas [...]. Enquanto forma visual, a cartografia caracteriza-se por múltiplas camadas de informação, sendo mídia privilegiada para a representação de discursos e práticas.” (Noronha; Campos; Câmara, 2018, p. 5)

Desta forma, a tradução do percurso em cartografias caracteriza-se pela representação dos caminhos traçados e construídos em campo em um mapa. Para isso, serão considerados os discursos e práticas cultivados no processo em uma representação que apresente as diversas visões de mundo envolvidas no processo cartográfico.

A sexta pista compreende uma análise do percurso cartográfico com uso do método da triangulação. A triangulação consiste em

(Uma) estratégia de aprimoramento dos estudos qualitativos envolvendo diferentes perspectivas, utilizada não só para aumentar a sua credibilidade, ao implicar a utilização de dois ou mais métodos, teorias, fontes de dados e pesquisadores, mas também possibilitar a apreensão do fenômeno sob diferentes níveis, considerando, desta forma, a complexidade dos objetos de estudo (problemas complexos e condições de vida complexas) (Santos *et al.*, 2020, p. 2).

Para a análise utilizei as reflexões, percepções e vivências sobre o percurso, visões de mundo dos autores (a designer e coautores da pesquisa) e teorias. Neste momento, são trazidas à tona reflexões abordadas durante o percurso da pesquisa, contando com a percepção da designer e visão de mundo dos coautores à luz das teorias mencionadas no referencial teórico da pesquisa. Busca-se, assim, refletir sobre a efetividade da transversalidade durante o percurso, a possibilidade de uma designer branca construir um percurso transversal e um plano comum em uma comunidade quilombola e o papel da designer neste cenário.

Para isso, são utilizados os áudios transcritos e imagens construídas na pesquisa, percepções transcritas no diário de campo e teorias do percurso cartográfico, práticas transversais, assim como as reflexões sobre o lugar da designer que envolvem as questões coloniais que resultaram em estruturas hierárquicas que ainda prevalecem (Quijano, 2005).

TELES DA SILVA, J.; CAMPOS SILVA, A.; BARROS DA MOTA SILVEIRA, N.

CARTOGRAFANDO

O percurso em campo desta pesquisa acontece na Comunidade Quilombola Grilo. Os caminhos da autora e da comunidade foram entrelaçados devido a uma atividade de disciplina do curso de mestrado e motivada por relatos dos moradores da necessidade de registros sobre a comunidade.

O primeiro contato com a comunidade ocorreu por intermédio de outro pesquisador que já a havia conhecido, Walísson Santos (2020), autor da dissertação de mestrado “*Dos saberes imateriais à concepção dos artefatos: uma etnografia do design vernacular em um quilombo da Paraíba*”.

O quilombo Grilo, localizado no município Riachão de Bacamarte, na Paraíba, fica a 97 km de distância da capital do estado, João Pessoa. Para chegar ao local, eu tinha a possibilidade de ir de ônibus. A “Águia”, empresa responsável pela rota e nome pelo qual os moradores denominam os ônibus que percorrem o trajeto, atua de segunda a sexta com horários de ida para o Grilo pela tarde e retorno à cidade de Campina Grande pela manhã. A limitação do transporte trouxe impedimentos de ir ao Grilo em determinados momentos e de acompanhar alguns processos, que serão explicitados no decorrer deste capítulo.

Ao todo aconteceram oito encontros no intervalo de um ano e três meses, iniciando em março de 2021, quando foi retomado o contato com a comunidade após o primeiro encontro decorrente da atividade da disciplina, e sendo o último relatado nesta pesquisa ocorrido no dia 23 de junho de 2022. Sendo os primeiros caracterizados como observação participativa e as ferramentas e entrevistas gravadas sendo realizadas apenas após a liberação do comitê de ética.

O primeiro encontro foi a retomada do contato, na qual foi possível conhecer o mundo do Grilo, apresentado por Seu Elias, no segundo foi possível ver o processo da queima de louças, no terceiro teve-se participação em um encontro de produção de louças

realizado por Dona Lourdes e Dona Paquinha, o quarto encontro teve protagonismo da produção de farinha pela comunidade, no quinto foi possível ir à fazenda com Seu Elias (ressalta-se que a experiência com o roçado já havia sido vivenciada pontualmente em outras visitas), o sexto encontro foi o momento da experiência com o mapa visual como ferramenta para acionar diálogos e o último encontro aqui relatado apresenta a festa de São João na casa de Seu Elias, a que fui convidada.

Durante o percurso, houve entrevistas por meio de conversas guiadas entre a designer e os coautores buscando perceber intrinsecamente suas visões de mundo de forma individual. Era prevista a adoção da entrevista semiestruturada, no entanto, foi percebido que os coautores não ficavam confortáveis com o método, que acaba se tornando similar ao adotado nas entrevistas que costumam participar em jornais e/ou pesquisas realizadas no local, a familiaridade com o formato, trazia distanciamento e respostas engessadas.

A adoção da conversa guiada proporcionou autonomia e identificação dos coautores com a pesquisa, trazendo leveza ao momento da troca. O tom de voz variou entre firme e com alguns pedidos de desculpas, principalmente causados por esquecimentos, ao leve, com sorrisos e o esquecimento se tornou um relato, onde a reclamação só surgia em situações que diziam já ter solicitado o registro de tal situação para os mais jovens, que não o fazem.

De acordo com as necessidades de cada ator social, foi levado em consideração local e formato de conversa em que eles se sentiram mais aptos e confortáveis. Os áudios foram gravados pelo celular, que era colocado sobre a superfície mais próxima a eles e a conversa acontecia ao ar livre, em ambientes naturais do dia-a-dia, ou em suas casas.

As conversas ocorreram com cada coautor separadamente em vivências de seu dia comum, e durante a estadia da designer no local, no quarto encontro. Com Seu Elias, as conversas ocorreram na fazenda e em sua casa, enquanto fazíamos uma refeição. Neste momento foi possível notar a relação genuína de seu Elias com o roçado, tarefa

na qual ele tem ajuda de seu burrinho, que sempre traz risadas e conotações de orgulho do dono. Seu Elias também expressa a sensação de medo que tem da história do Grilo cair no esquecimento, pois eles não têm registros de todos os saberes.

Este último fator trouxe reflexão à autora, pois há diversas pesquisas realizadas no local que registram a história, mas estas são lembradas apenas em situações pontuais. Os moradores afirmam que recebem visitas de pessoas da universidade e que, mesmo havendo menções de afeto por alguns pesquisadores e até alusão à temática da pesquisa, o registro não é evidenciado.

Percebeu-se, então, no decorrer do percurso que o registro mencionado por eles prevê uma coautoria da comunidade, principalmente os jovens, que eles vêm como responsáveis pelo registro e possibilidade de perpetuação da história e cultura do local, como notado na fala de Seu Elias, relativo à cantiga da produção de farinha “[...] É porque quando uma pessoa vai gravar uma música, tem que ter uma pessoa ali. Agora, isso aí, já era ‘pra’ ter instruído um menino desse aí, um adolescente desse aí, pra (registrar) [...] Porque tudo tem que ser registrado”.

A responsabilidade dos jovens pela perpetuação da história e cultura do Grilo também foi notada nas conversas com dona Paquinha e dona Lourdes, porém com outros destaques. A conversa com dona Paquinha ocorreria no seu roçado, havíamos combinado de ir juntas, mas no dia ela teve alguns imprevistos com seus filhos e não ocorreu, quando a encontrei apenas questionei se estava tudo bem e nos abraçamos.

No dia seguinte, enquanto ela estava sentada na calçada da casa amarela, que era a casa de seus pais, onde ela afirmou que gostava de sentar “porque é fresquinho”, me chamou para conversar. A conversa percorreu entre informações pessoais, roçado e alguns comentários sobre a produção cerâmica. Dona Paquinha relatou ter bastante apreço pelo roçado, afirmou que poderia viver dele, se não fossem os imprevistos com as chuvas, que interferem na produção e o baixo retorno financeiro da atividade, como relatado por ela, “Se eu pudesse, eu vivia do roçado.

Dá pra comer e ainda ganhar um trocado, mas é muito pouco, ainda tem as chuvas, não tá tendo, aí tá dando quase nada."

O verão em 2021 foi bem intenso, no mês de maio, até meados de junho, estava com baixíssima ocorrência de chuva no Quilombo do Grilo, o que dificultou a plantação do roçado e causou frustração nos moradores do local que costumam plantar para vender e se alimentar. Como mencionado, o retorno financeiro é pequeno, e com a baixa produtividade se torna incabível. O baixo retorno também foi abordado por ela ao citar a prática da cerâmica, a qual mesmo com a venda rápida de todas as peças para pessoas da comunidade e pessoas externas, não é grande quantia, mas ela afirma que, de qualquer forma, "tudo é uma ajuda".

A conversa com Dona Lourdes reiterou os comentários tecidos sobre a prática da cerâmica. Dona Lourdes guiou a conversa principalmente para a prática cerâmica, quanto ao roçado ela afirmou ir olhar o seu todos os dias. Quanto à prática cerâmica, ela afirmou tê-la retomado desde a minha participação na primeira visita e relatou que as encomendas não paravam. No dia que conversamos ela me levou ao quarto, onde as peças secam antes da queima, para mostrar a produção que estava fazendo. O quarto estava cheio de peças e ela afirmou que todas já estavam reservadas.

Dona Lourdes e dona Paquinha são as pessoas que detêm o saber-fazer da prática cerâmica hoje no Grilo e tentam passar a prática para as gerações mais novas. Antes de nossa ida ao Grilo, elas afirmaram estar pensando em parar com a produção, mas depois que fomos e realizamos a prática com elas, o que gerou grande interação de outras gerações, principalmente das crianças, elas retomaram a prática, adaptando a produção aos seus fazeres, sem periodicidade fixa.

Além da observação participativa da prática cerâmica com as autoras, o registro feito de forma participativa com elas, assim como em todo o processo da pesquisa com os coautores, que indicavam momentos e objetos que deveriam ser registrados, gerou seu reconhecimento e integração ao processo.

O fato foi evidenciado quando, no decorrer da pesquisa em campo, dona Lourdes recebeu convite da Secretaria de Cultura do Estado para participar de um edital de bolsas direcionadas a artesãs e artesãos. No momento em que recebeu o convite e soube da necessidade de apresentar imagens dela pediu que o representante da secretaria entrasse em contato comigo para que eu enviasse as imagens que construímos em campo, mesmo com registros feitos por outros pesquisadores, que até geraram livro sobre a prática, que tem a dona Lourdes na capa.

As reflexões e diálogos construídos nas observações participativas e conversas guiadas realizadas serão entrelaçadas às demais pistas desse percurso, que nos levaram ao plano comum. O percurso foi traduzido em seis mapas. O primeiro (Figura 1) representa o entrelace da coautoria deste trabalho, apresentando os três coautores que guiaram o caminho do percurso da pesquisa: Seu Elias, dona Paquinha e dona Lourdes, que foram as pessoas a receber-me na comunidade desde o início e que detêm o conhecimento das práticas locais.

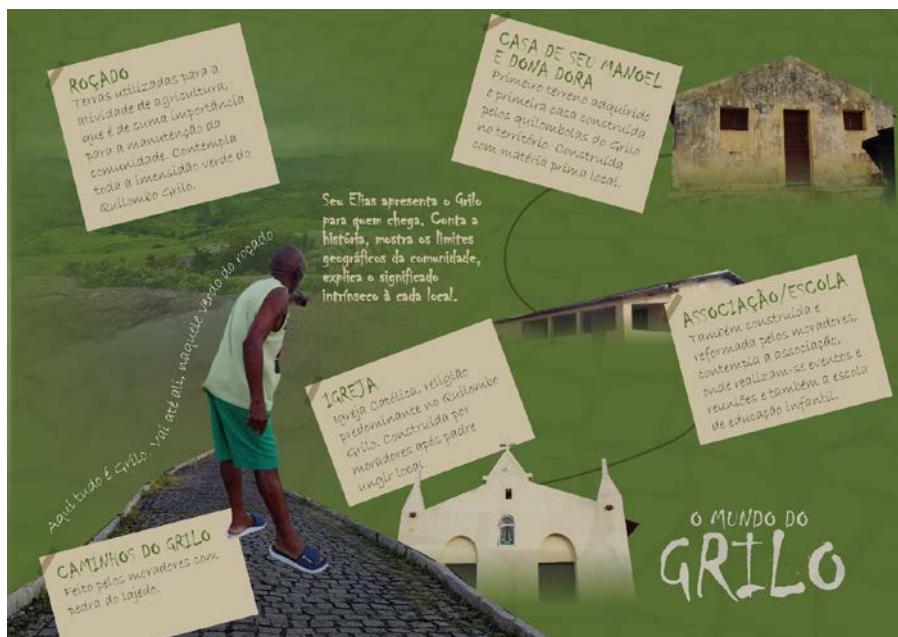
Figura 1 - Mapa 1 - Coautores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O segundo mapa (Figura 2) apresenta o Quilombo do Grilo e os caminhos considerados importantes pelos coautores, sendo caminhos importantes para representação histórica de luta e autonomia da comunidade. O mapa apresenta o encontro que consolidou a retomada do contato com a comunidade, em que foi feito um convite por parte da comunidade para que eu e minha colega do mestrado pudéssemos ver a queima das louças. No entanto ao chegarmos lá, por causa da ocorrência de chuvas, a queima seria adiada para alguns dias depois, então seu Elias nos levou em caminhos para conhecer o Grilo.

Figura 2 - Mapa 2 – Caminhos do Grilo



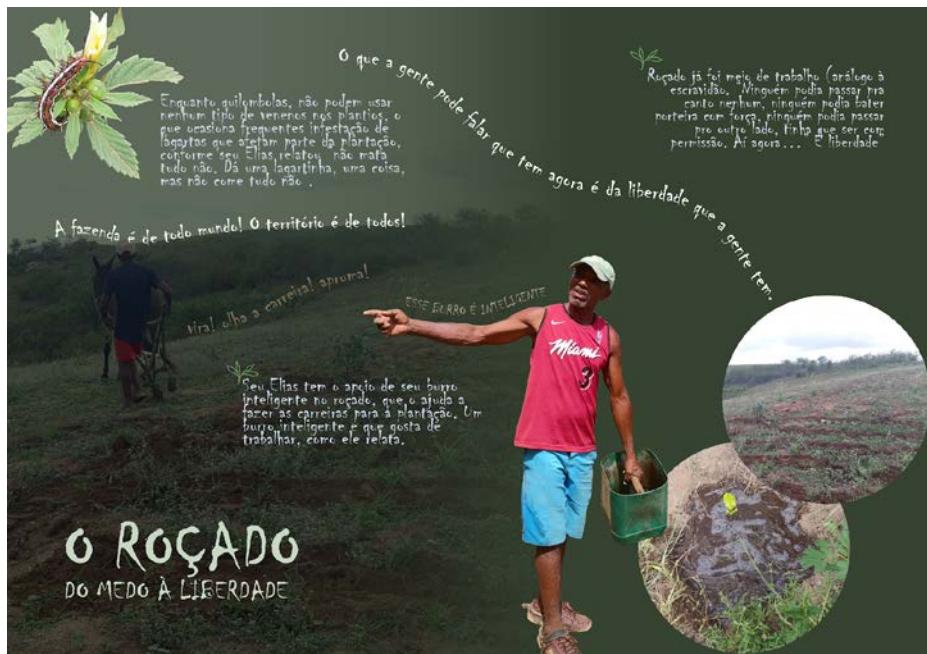
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O terceiro mapa (Figura 3) traduz a atividade do roçado. O mapa foi construído a partir de diversas visitas, tendo um enfoque maior quando Seu Elias guiou-me à fazenda, que é um espaço de terra com plantações compartilhadas entre a

TELES DA SILVA, J.; CAMPOS SILVA, A.; BARROS DA MOTA SILVEIRA, N.

comunidade, onde foi possível observar, ouvir e participar da atividade no roçado. Os discursos sobre o roçado também foram amplamente abordados na aplicação da ferramenta com os coautores.

Figura 3 - Mapa 3 – O roçado

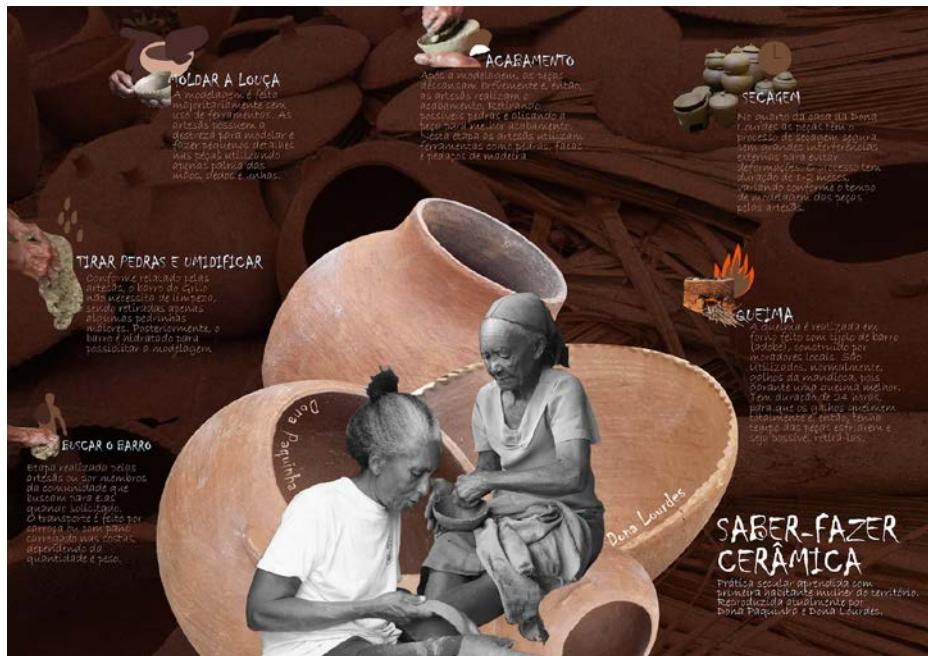


Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O quarto mapa (Figura 4) representa o saber-fazer cerâmico, que foi guiado, principalmente, por Dona Paquinha e Dona Lourdes, tendo auxílios e participações pontuais de outros membros da comunidade. Atualmente elas são as principais detentoras do conhecimento da prática na comunidade.

TELES DA SILVA, J.; CAMPOS SILVA, A.; BARROS DA MOTA SILVEIRA, N.

Figura 4 - Mapa 4 – Saber-fazer cerâmica



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No quinto mapa (Figura 5) é possível observar o processo de produção de farinha pela Comunidade Quilombola do Grilo. O processo foi observado durante uma visita e teve duração de 24 horas, com alguns moradores passando um tempo ainda maior na produção na Casa de Farinha. Neste percurso, não pude acompanhar de perto alguns processos, pois em alguns momentos estiveram presentes apenas homens na Casa de Farinha e, por isso, as mulheres não estavam confortáveis para estar lá. Enquanto estive presente, tive a narração dos processos que não pude vivenciar e a maior parte deles pude ver quando fui até a Casa de Farinha. O percurso está traduzido no Mapa 6.

TELES DA SILVA, J.; CAMPOS SILVA, A.; BARROS DA MOTA SILVEIRA, N.

Figura 5 - Mapa 5 – Casa de Farinha



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O sexto mapa (Figura 6) representa o São João, festividade de grande importância para a comunidade, quando a maioria dos moradores se reúnem com suas famílias em suas casas para celebrar. Todas as traduções dos percursos tiveram grande contribuição dos diálogos vivenciados durante a aplicação da ferramenta baseada no mapa visual, onde foi possível ter o debate entre os coautores e ativar memórias e afetos a partir das imagens apresentadas.

TELES DA SILVA, J.; CAMPOS SILVA, A.; BARROS DA MOTA SILVEIRA, N.

Figura 6 - Mapa 6 – São João



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

ANÁLISE DO PERCURSO

Durante o percurso, foi possível perceber as expertises dos coautores que passam de geração em geração e a luta intrínseca à sua história e vivências, que têm dois principais vieses: as dificuldades da vida e reflexos da colonialidade ainda visto nas hierarquias de poder, moldadas por raça, classe e gênero. Quanto à relação entre a designer e coautores, pudemos perceber a construção do plano comum ao longo do percurso.

A imersão em campo por meio da observação participativa e conversas guiadas possibilitou a aproximação e familiarização com os coautores, assim como a

ferramenta de construção do mapa visual que nos possibilitou acionar os diálogos, que os fez, também, refletir sobre o percurso e suas práticas, assim como possibilitou à designer o processo de reflexão.

Cartografar nos permite refletir e problematizar o percurso que vivenciamos, o processo de traduzir em mapas o percurso da pesquisa possibilita a análise dos diálogos, caminhos e de todos os fluxos envolvidos no processo de pesquisa. Noronha (2017, p. 131) afirma que “o processo de aproximação e distanciamento com o próprio conhecimento nos ajudam a problematizar e ver de forma mais ampla a realidade na qual estamos imersos.”

Traduzir o percurso nesta pesquisa possibilitou constantes reflexões sobre os caminhos traçados. A tradução trouxe a percepção do processo de construção do plano comum e da pesquisa para a transversalidade.

À luz desta informação, apresentamos aqui as reflexões acerca do percurso e construção do plano comum com base na triangulação entre as vivências, discursos dos coautores e teorias que auxiliam e embasam as reflexões abordadas. O plano comum tem como base a transversalidade, que prevê as individualidades dos envolvidos na pesquisa, mas opera a comunicação neste plano que é pré-individual e coletivo, sem a fronteira que distingue saberes e atores, pesquisadores e pesquisados (Kastrup; Passos, 2016).

A análise do percurso será feita com base nesse conceito, utilizando-se dos discursos dos coautores no decorrer da pesquisa, percepção sobre as vivências e embasamento com base nas teorias que refletem sobre hierarquias do ser, saber e poder. Iniciamos a análise diferenciando a designer, mulher, branca, graduada e com mestrado em andamento e os coautores, sendo um homem e duas mulheres, negros, que não tiveram acesso ao ensino superior. As escolaridades ainda não haviam sido evidenciadas durante este trabalho, mas durante o percurso foi percebido o impacto que as hierarquias do saber têm no processo da pesquisa.

No início do percurso, no primeiro contato realizado para a atividade de disciplina do mestrado, foi imprescindível a denominação de “pessoas da universidade”, direcionado para mim e minha colega que me acompanhou nas primeiras visitas., Também percebemos a constante preocupação em falar sobre as atividades e costumes da comunidade em tom de explicação e pedido de desculpas, principalmente ao relatar atividades e instrumentos descontinuados e/ou não mais usados, assim como o receio em relatar seus medos e repulsas em relação a situações vividas com pessoas brancas, como relatado por Dona Paquinha durante o percurso,

Dona Paquinha: [...] *Riachão tinha raiva da gente. Riachão, a cidade, tinha, de antigamente. Tinha sim.*

Pesquisadora: *Mas por que?*

Dona Paquinha: *Eu digo que tinha raiva por causa da cor, da pobreza e tudo, nós não tinha experiência de nada, né? Não tinha, não tinha. Riachão era peso pra gente, a cidade. Há dez anos, quinze anos atrás. Há vinte anos atrás, no tempo que a gente começou o trabalho. Era uma raiva danada. Hoje não. Hoje eles, quando vê a gente é um sorriso só, porque sabe da fortaleza que o quilombo tem, né?*

Dona Lourdes: *Oxe, oxe, é por isso que eu cantava (cantarola batendo palmas) 'Quero ver, eu quero ver, quero ver quilombo não ter valor. Quero ver, eu quero ver, quero ver quilombo não ter valor.'*

Dona Paquinha: *Mas eu acho que é o seguinte, porque você nunca viu, é muito difícil você ver numa comunidade um negro professor, um negro enfermeiro, um negro bombeiro, dentro da comunidade não tinha. Por que? Não tinha espaço. Espaço não tinha mesmo. Não tinha espaço e a gente tinha medo. A gente também tinha medo. Tinha medo do pessoal, do pessoal branquinho que estudava, a gente tinha medo demais. Eu tinha medo sim. Eu comecei pra cá, foi dos vinte anos pra cá, que eu comecei a me libertar do medo da pobreza, do medo da cor, do medo de tudo. Mas antigamente era isso, porque se alguém, um pessoal diferente chegasse, tinha medo de tudo.¹*

1 Recorte de diálogos acionados durante a pesquisa.

Falas como essa, referindo-se a violências sofridas advindas de práticas racistas e preconceituosas, que advém das hierarquias coloniais, foram tecidas durante todo o percurso da pesquisa. O apontamento foi de encontro a reflexões apontadas por Hooks (2019), que reflete sobre os olhares negros como forma de constante luta e resistência, apontando que o negro olhar para pessoas brancas era algo proibido e, para os negros, doloroso, o que por anos foi evitado.

O processo de resistência foi percebido na fala de dona Paquinha a qual relata o processo de se libertar do medo da pobreza, da cor, de tudo. Os medos de dona Paquinha são reflexos da colonialidade do poder, do ser e do saber sofridos por ela enquanto mulher negra, considerada as vítimas mais fortes do colonialismo (Bernardino-Costa, 2018; Hooks, 2019; Quijano, 2005), e quilombola.

A luta constante do quilombo, desde a chegada, na titulação e manutenção do território até os dias atuais evidenciam as dificuldades e obstáculos que os quilombolas do Grilo têm para (sobre)viver. Início a análise pela forma de tratar estes relatos em campo, que necessitavam da sutileza entre o orgulho e a não romantização. Como Ribeiro menciona,

Muitas vezes, casos de pessoas negras que enfrentam grandes dificuldades para obter um diploma ou passar em um concurso público são romantizados. Entretanto, ainda que seja bastante admirável que pessoas consigam superar grandes obstáculos, naturalizar essas violências e usá-las como exemplos que justifiquem estruturas desiguais é não só cruel, como também uma inversão de valores (Ribeiro, 2019, p. 23).

Desta forma, reconhecer e não diminuir as lutas e vitórias dos quilombolas, não significa que se deva romantizar. Ouvir, compadecer e destacar que as vivências que são frutos de pensamentos coloniais não são merecidas foi fundamental para a construção do plano comum na comunidade quilombola.

O relato do medo de pessoas novas foi contado ainda no primeiro dia e, neste momento, seu Elias pediu que ela não falasse daquela forma, com a justificativa de que existiam pessoas com boas intenções.

Neste dia, mesmo com as diversas aberturas e sensibilidades das designers, que buscaram proporcionar um ambiente confortável para os coautores, onde se sentissem confiantes e à vontade, ainda foi percebido que eles deixavam o controle da situação em nossas mãos, tanto no momento de guiar os diálogos, quanto nos registros a serem feitos. Ainda assim, foi feito o convite para que retornássemos, sem data marcada, apenas pediram que mantivéssemos o contato.

Devido à situação da pandemia na época, passamos algumas semanas sem retornar e o contato da parte deles também não aconteceu. Assim que a situação da pandemia melhorou, entramos em contato novamente e foi quando o convite para vivenciar a queima das louças aconteceu, então retomamos o contato. Ao chegar lá, houve surpresa dos coautores por termos ido e cumprido com o dia e horário prometidos; complementaram os tons de surpresa afirmando que, naquele momento, haviam percebido que éramos de confiança.

Neste momento foi percebido que, apesar da atuação transversal das designers, buscando tirá-los da perspectiva de objetos de pesquisa e trazê-los para o campo projetual como coautores, o mesmo não era percebido por eles. No primeiro encontro ainda estávamos na posição de pesquisadores em estudo de um objeto.

A confiança foi um ponto primordial para atravessar a fronteira das hierarquias em campo. No momento em que confiaram na designer, as relações se tornaram mais leves e demos um passo na construção do plano comum, segundo Guzmán,

Ao colocar a confiança nos encontros está se criando esse terceiro espaço que o pesquisador Thomas Binder (2016) nomeia como espaço social. Nele, as colaboradoras do laboratório criam um espaço de

aprendizagem mútua, no qual as diferenças entre a designer e as artesãs são ao mesmo tempo parte dos dispositivos de conversação, já que essas diferenças os alimentam (Guzmán, 2020, p. 174).

Já neste segundo encontro, quando mostraram que não seria possível realizar a queima por conta da chuva, dona Lourdes ainda demonstrou preocupação por achar que teríamos perdido tempo, enquanto Seu Elias, de forma descontraída, nos mostrou seus saberes com a produção de tijolos para a reforma do forno e convidou para conhecer o Mundo do Grilo.

Seu Elias entrou no meio projetual e, desta forma, podemos ver a exemplificação da coautoria, em que ele guiou a designer durante o percurso da pesquisa. A observação da queima foi remarcada e, no momento da prática, em que pudemos realizar uma observação participante no processo, estreitamos os laços com dona Lourdes. A realização da queima e retirada das peças do forno, acionou diálogos entre as coautoras, que então iniciou-se durante as atividades. Assim, dona Lourdes percebeu também a sua autoria no processo, o que a levou a nos convidar para uma oficina para fazer cerâmica, que contaria com a presença dela e de dona Paquinha.

O fazer cerâmico possibilitou uma abertura à correspondência entre as coautoras, que tinham diálogos acionados pelo estar em campo e realizar a prática, sendo a criação da cerâmica um ponto de encontro dos saberes, que possibilita o entrelace das ocorrências, sentido em que o conhecimento é gerado (Ingold, 2016), com trocas e falas em fluxo, que fluíam entre a temática do saber-fazer cerâmico e a possibilidade de as coautoras tecerem suas visões de mundo e se conhecerem.

Todas juntas, sentadas ao chão, e elas na liderança do ensinar. Eu estava sendo guiada e inserida à prática, na qual eram experts. As barreiras das hierarquias do saber foram dissolvidas durante a prática e elas se perceberam como autoras no meio projetual, não era mais a designer expert guiando a pesquisa, era uma troca e vivências mapeadas e guiadas pelas coautoras.

Os encontros, que antes eram conduzidos pela designer, agora tinham iniciativa dos coautores, que guiavam o que devia ser vivenciado, dialogado e registrado por meio de imagens. O papel da designer nesse momento tornou-se apenas o de mediadora no meio projetual, guiando as conversas e sendo guiada nas vivências.

A transversalidade e o estar no plano comum foram exemplificados no sexto e sétimo encontro. No sexto, enquanto construímos o mapa visual, foi percebido que os coautores se identificavam e reconheciam as imagens, não somente por estarem representados nelas e reconhecerem os processos, mas por serem registros que eles solicitaram no percurso da pesquisa.

Ver que momentos e experiências de importância para eles foram considerados e trazidos no momento da experimentação com o mapa visual, os deixou felizes. Foi percebido que os coautores escolheram visualizar primeiro o mapa visual e então tecer comentários sobre as imagens em que apareciam no registro.

Ter percebido no discurso de dona Paquinha a importância do processo de titularização da terra foi primordial, pois mesmo que a imagem não houvesse sido construída no campo, por se tratar de um evento acontecido anteriormente, a imagem da titularização da terra possibilitou que ela notasse que suas falas foram ouvidas com atenção, e ela disse que aquela era sua imagem preferida.

O plano comum também foi exemplificado quando os coautores, utilizando-se das imagens propostas pela autora para acionar os diálogos do percurso, guiavam os tópicos a serem mencionados. Foi uma atividade que propôs troca e diálogos, não se caracterizando como uma sequência de perguntas e respostas, como a entrevista que as pesquisas realizadas com a separação entre pesquisados e pesquisadores propõe. A construção do mapa visual se deu por meio de uma conversa guiada por todos os coautores que se manteve de forma fluida e sem a necessidade de hierarquização de saberes.

TELES DA SILVA, J.; CAMPOS SILVA, A.; BARROS DA MOTA SILVEIRA, N.

No último encontro, os momentos de troca foram evidenciados quando os coautores apresentaram a designer para uma outra pessoa, mesmo sendo conhecida pela designer. A apresentação dos coautores evidenciou que a pesquisa não se tratou apenas de um mapeamento de saberes e fazeres da comunidade, mas que a perspectiva do design multidisciplinar, trazendo formas de estar em campo à luz de teorias da antropologia e ciências sociais, possibilitou essa troca, onde eles também puderam guiar conversas para saber sobre a designer e “mapear seus saberes e fazeres”.

As fronteiras da transversalidade foram atravessadas e, juntos, construímos um plano comum. Construir este espaço requer atenção às individualidades de cada um, percebendo suas vivências e buscando formas de trazê-los ao meio projetual de forma leve. As individualidades são evidenciadas quando percebemos na análise que os coautores emergiram no meio projetual de forma gradativa e a seus modos.

A prática, aliada aos diálogos e formas de condução das vivências em campo possibilitam a construção do plano comum, como pôde ser observado no decorrer da pesquisa.

ESCOBAR, Arturo. *Autonomía y diseño. La realización de lo comunal*. Popayán: Universidad del Cauca: Sello Editorial, 2016.

FRANÇA, Rodrigo; ALEM, Thais; PÊGO, Kátia. A aplicação da abordagem sistêmica no âmbito de um empreendimento existente, por meio do workshop 'Design Sistêmico Loading... A construção de um modelo econômico-produtivo sustentável. *Mix Sustentável*, Florianópolis, v. 5, n. 5, p. 95-108, 2019.

GUZMÁN, Zita Caroline González. *Correspondências para um design autônomo Tzeltal*: práticas num laboratório de design para criadoras de tecidos em Chiapas. 2020. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 2020.

HOOKS, Bell. *Olhares negros*: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

INGOLD, Tim. On human correspondence. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, London, GB, v. 23, n. 1, p. 9-27, 2016.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal*: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013.

KRUCKEN, Lia. *Design e território: valorização de identidades e produtos locais*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

MANZINI, Ezio. *Design quando todos fazem design: uma introdução ao design para inovação social*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

MORAES, Dijon de. *Análise do design brasileiro: entre mímese e mestiçagem*. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2006.

NORONHA, Raquel. *Do centro ao meio: um novo lugar para o designer*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 10., 2012, São Luís, MA. *Anais [...]*. São Luís: P&D, 2012. CD-ROM.

americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo; ROCHA, Jerusa. Pistas da confiança. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. *Pistas do método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016. v. 2, p. 83-84.

SANTOS, Karine; RIBEIRO, Mara; QUEIROGA, Danlyne; SILVA, Ivisson; FERREIRA, Sonia. O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, RJ, v. 25, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.12302018>

SANTOS, Walísson Adalberto dos. *Dos saberes imateriais à concepção dos artefatos: uma etnografia do design vernacular em um quilombo da Paraíba*. 2020. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, 2020.